

Relações de gênero e perspectivas de inserção profissional das graduandas em Medicina Veterinária da Unifesspa, *campus* Xinguara - PA, Brasil

Gender relations and perspectives of professional insertion of female students of Veterinary Medicine at Unifesspa, *campus* Xinguara - PA, Brazil

Laila Mayara Drebes*

Micaella Bastos Sampaio Rodrigues**

Larissa Matias Lopes**

Nelma de Sousa Lemos**

Resumo: A Medicina Veterinária vivencia um aumento do número de profissionais mulheres. Essas tendem a se incorporarem em áreas vinculadas aos animais de companhia, em detrimento de outras áreas de atuação. Assim, este estudo analisou as perspectivas de inserção profissional das graduandas em Medicina Veterinária, da Unifesspa, *campus* de Xinguara - PA, com o objetivo de perceber as desigualdades de gênero. Os dados foram coletados por meio de questionários respondidos por docentes e discentes, homens e mulheres, do curso de Medicina Veterinária da Unifesspa. Os dados qualitativos foram investigados por meio de análise de conteúdo, e os quantitativos foram submetidos à estatística descritiva. Apesar de grande parte do corpo discente não concordar com as premissas sexistas que permeiam a Medicina Veterinária, persiste uma divisão sexual do trabalho, reforçada por alguns professores e produtores agropecuários da região. A divisão sexual do trabalho dissuade a inserção das graduandas em trabalhos relacionados aos animais de produção, considerados atribuições masculinas.

Palavras-chave: Animais de produção. Clínica de pequenos animais. Desigualdade de gênero. Divisão sexual do trabalho. Sexismo.

Abstract: Veterinary Medicine experiences an increase in the number of female professionals. They tend to be incorporated into areas related to

* Doutora em Extensão Rural, Professora Permanente do Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) e da Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). E-mail: drebes.laila@unifesspa.edu.br

** Graduandas em Medicina Veterinária da UNIFESSPA. Bolsistas PIBIC/PNAES Edital PROPIT 01/2021, PIBIC/FAPESPA Edital PROPIT 03/2021 e PIBIC/PNAES Edital 01/2020, respectivamente.



This content is licensed under a Creative Commons attribution-type BY

companion animals, to the detriment of other areas of activity. Thus, the study aimed to analyze the perspectives of professional insertion of female students of Veterinary Medicine at Unifesspa, campus of Xinguara/PA, trying to perceive gender inequalities. Data were collected through questionnaires answered by professors and students, of both sexes, from the Unifesspa Veterinary Medicine course. Qualitative data were analyzed using content analysis and quantitative data submitted to descriptive statistics. Although a large part of the student body does not agree with the sexist assumptions that permeate Veterinary Medicine, a sexual division of labor persists, reinforced by some professors and agricultural producers in the region. The sexual division of labor dissuades the insertion of undergraduates in work related to production animals, considered male attributions.

Keywords: Production animals. Small animal clinic. Gender inequality. Sexual division of labor. Sexism.

Recebido em: 13/02/2023. Aceito: em 30/05/2023

INTRODUÇÃO

Historicamente, as mulheres enfrentaram inúmeros obstáculos no percurso formativo e no exercício da ocupação de Medicina Veterinária. Esse campo de conhecimento foi criado e consolidado sob um imaginário masculino no qual o profissional, para o trato com os animais, precisava ser dotado de força física e desprovido de empatia. A demonstração de compaixão e de preocupação para com os animais era considerada comportamento feminino, condenado e ridicularizado pelos pares. As poucas mulheres existentes nos primeiros cursos de Medicina Veterinária eram habitualmente segregadas nas turmas e impedidas de cursarem determinadas disciplinas, como as clínicas e as cirurgias de grandes animais. Assim, o campo da Medicina Veterinária, em seu início¹, foi predominantemente ocupado por homens, em sua maioria, oriundos de áreas rurais (LOFSTED, 2003; IRVINE; VERMILYA, 2010).

A partir do final do século XIX e, principalmente, em meados do século XX, mudanças entraram em curso no cenário descrito acima. Entre as inúmeras motivações, estão a urbanização e as transformações nas relações de gênero observadas na sociedade como um todo (como o acesso crescente das mulheres à educação e ao mercado de trabalho), dados os avanços proporcionados pelos movimentos feministas. Além disso, as mudanças também decorreram de renovações internas ao próprio campo de conhecimento da Medicina Veterinária, como o desenvolvimento de procedimentos químicos para imobilização dos animais, o crescimento do interesse científico na área de bem-estar e direito dos animais e a percepção das contribuições da Medicina Veterinária para a própria saúde pública (IRVINE; VERMILYA, 2010; BARROS, 2021).

Dessa maneira, iniciou-se o aumento do número de mulheres na área de Medicina Veterinária – contemporaneamente, considerada uma profissão em processo de feminização em diversos

¹Primeiro curso de Medicina Veterinária foi criado na França, em 1761/1762. No Brasil, os primeiros cursos remontam o intervalo da primeira metade da década de 1910, no estado do Rio de Janeiro (CRMV/SP, 2022).

países (LOFSTED, 2003; IRVINE; VERMILYA, 2010; HENRY; JACKSON, 2015; BEGENY; RYAN, 2018). No Brasil, de acordo com dados do Conselho Federal de Medicina Veterinária, em 2020, o feminino representava mais da metade dos profissionais de Medicina Veterinária do país, cerca de 53,6% (CFMV, 2020). Embora haja um crescimento de mulheres em várias áreas de atuação da profissão, estudos notaram uma tendência de concentração das médicas veterinárias na clínica de pequenos animais, que costuma ser pouco valorizada e remunerada (LOFSTED, 2003; IRVINE; VERMILYA, 2010; HENRY; JACKSON, 2015).

No geral, os estudos explicam a concentração das médicas veterinárias na clínica de pequenos animais por duas vias complementares: primeiro, porque as mulheres continuam sendo percebidas como pouco aptas ao trato com os animais de produção, normalmente de grande porte, que exige resistência física e é capaz de gerar riscos de ferimentos; segundo, porque as mulheres tendem a ser consideradas mais habilidosas no trabalho com os animais de companhia, geralmente de pequeno porte, que envolve o delicado cuidado médico com o paciente e a comunicação com o tutor (IRVINE; VERMILYA, 2010; FREITAS et al., 2014).

As constatações apresentadas desencadearam a reflexão sobre a situação do curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), *campus* de Xinguara - PA, criado com o intuito de atender a demanda da região por profissionais capacitados, dada a especialização produtiva na bovinocultura de corte. Nesse sentido, se as mulheres são consideradas pouco aptas ao trabalho com os animais de produção, como é o caso dos bovinos de corte, o que esperar do futuro profissional das médicas veterinárias formadas na Unifesspa, *campus* de Xinguara - PA, que correspondem a aproximadamente 67% dos estudantes do curso²?

Diante de tal preocupação, o presente estudo se propõe a analisar as perspectivas de inserção profissional das graduandas em Medicina Veterinária da Unifesspa, *campus* de Xinguara - PA, com o objetivo de perceber as desigualdades de gênero. Para tanto, o artigo está organizado da seguinte maneira: uma seção explicativa dos caminhos da pesquisa, elucidando o universo de análise, a amostra do estudo e os procedimentos de coleta e análise dos dados; uma seção com os resultados e discussão, considerando a literatura científica existente, que evidencia a divisão sexual do trabalho no campo de atuação da Medicina Veterinária; e, por último, uma seção de considerações finais, que retoma os principais achados da pesquisa e apresenta reflexões para próximos estudos.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo foi conduzido no município de Xinguara, no Sudeste Paraense, onde o curso de graduação em Medicina Veterinária é ofertado pela Unifesspa. De acordo com Moraes e Drebes (2020), a cidade está localizada no chamado “Arco do Desmatamento”, uma faixa situada ao sul da Amazônia Legal, na transição entre os biomas Amazônia e Cerrado. O perímetro se caracteriza por uma intensa pressão antrópica sobre as áreas de floresta por meio do desmatamento. Nesse sentido, quem visita Xinguara pela primeira vez tem dificuldade de assimilar que o local está situado no bioma Amazônia. Com poucos resquícios de floresta, pois, de modo geral, ela foi substituída pelo gado e pelas pastagens, o município é altamente pecuarizado.

Nos termos de Veiga et al. (1996, p. 25), “a pecuarização pode ser definida como a tendência de determinada população de produtores adotar a pecuária como principal componente do

²No momento de condução da presente pesquisa, dos 81 discentes matriculados no curso de Medicina Veterinária da Unifesspa, 33,3% (27) eram do sexo masculino e 66,7% (54), do feminino.

sistema de produção”. Em Xinguara, além de ser a principal atividade econômica, a bovinocultura de corte é parte das estratégias para delimitar a propriedade da terra, bem como para constituir um patrimônio fundiário. Atualmente, a bovinocultura de corte integra, até mesmo, a realidade da agricultura familiar, também imersa no processo de pecuarização (MORAES; DREBES, 2020).

Conforme os dados do Censo Agropecuário de 2017, Xinguara possui 918 estabelecimentos agropecuários, que correspondem a uma área total de 221.043 hectares. Desses, 716 são de agricultura familiar (77,99% do total de estabelecimentos), ocupando 53.052 hectares (24,00% da área total). Em contrapartida, 202 estabelecimentos agropecuários não pertencem à agricultura familiar (22,01% do total de estabelecimentos) e ocupam 167.991 hectares (76,00% da área total). Vale acrescentar que os estabelecimentos de agricultura familiar variam de 5 a 500 hectares, já os demais, de 20 a 10.000 hectares (IBGE, 2017).

Destaca-se que, da área ocupada pelos estabelecimentos agropecuários, 199.477 hectares (90,24% da área total) são destinados à pecuária e criação de outros animais (IBGE, 2017). Além disso, considerando que Xinguara possui uma população aproximada de 43.530 habitantes, o seu rebanho bovino corresponde a praticamente 12 cabeças de gado para cada cidadão (IBGE, 2018). A especialização do município na bovinocultura de corte foi um dos motivos do curso de Medicina Veterinária da Unifesspa ter sido atrelado ao *campus* de Xinguara.

A população do estudo foi representada pela comunidade acadêmica da Faculdade de Medicina Veterinária da Unifesspa. Criado em 2018, o curso, no momento da coleta de dados (no mês de julho de 2021), contava com 3 turmas em andamento, totalizando 83 estudantes matriculados e 12 docentes médicos veterinários³.

A pesquisa é de natureza qualiquantitativa e a coleta de dados foi realizada virtualmente, em razão das restrições impostas à presencialidade na universidade devido à pandemia de Covid-19. Assim, foram elaborados dois questionários de perguntas abertas e fechadas: um para os professores e outro para os estudantes (do sexo masculino e feminino). Os questionários foram encaminhados por e-mail e aplicados por meio do *Google Forms*.

Os 83 estudantes e os 12 docentes foram considerados habilitados para participarem da pesquisa e receberam os questionários. Por parte do corpo discente, a amostra foi constituída por 51 estudantes e, por parte do corpo docente, por 11 professores: tais participantes responderam ao questionário de modo esclarecido e livre.

Em termos de gênero, é importante adiantar que a amostra ficou configurada da seguinte maneira: dos 51 estudantes amostrados, 66,7% (34) eram do sexo feminino e 33,3% (17), do masculino; dos 11 docentes amostrados, 63,6% eram homens (7) e 36,4%, mulheres (4). Vale ressaltar que a análise está focada nas percepções do corpo discente, tanto de homens como de mulheres, portanto as percepções do corpo docente foram acionadas apenas de modo complementar.

Aplicados os questionários, os dados foram organizados e sistematizados: os de cunho quantitativo foram analisados com o auxílio de estatística descritiva, e os de natureza qualitativa, por meio da metodologia de análise de conteúdo.

³No momento de coleta de dados, 19 docentes lecionavam na Faculdade de Medicina Veterinária, contudo, para a presente pesquisa foram considerados apenas os 12 que possuíam graduação em Medicina Veterinária.

SOBRE A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO CAMPO DE ATUAÇÃO DA MEDICINA VETERINÁRIA

A partir da problematização de Scott (1986), é possível compreender que as relações de gênero se referem a um complexo sistema de relações de poder, construídas entre homens e mulheres em determinados contextos espaço-temporais, utilizando como argumento de sustentação as diferenças biológicas existentes entre os sexos. Nesse sentido, atributos fisiológicos e psicológicos são acionados com a intenção de determinar socialmente “o ser homem” e “o ser mulher”. De maneira semelhante, ao analisar as relações de gênero, Bourdieu (2012) percebeu que os processos de socialização experienciados pelos indivíduos eram diferenciados conforme o sexo biológico, bem como pautados por uma lógica androcêntrica criadora de múltiplas violências simbólicas para as mulheres, que recebiam valores morais diferentes dos repassados aos homens.

Logo, na modernidade, as relações de gênero engendraram a configuração de uma divisão sexual do trabalho, designando espaços, responsabilidades e comportamentos distintos para homens e mulheres a partir de aspectos biológicos, sempre com vistas à manutenção das relações de poder vigentes, nas quais o feminino ainda se encontra em desvantagem. Historicamente, os homens vêm sendo associados às atividades capitalistas e remuneradas, realizadas no espaço público, e as mulheres às atividades domésticas e de *care* (cuidados físicos e atenção e afeição pessoal) não remuneradas, realizadas no espaço privado. Além disso, para a execução de seu trabalho, aos homens, são pautados ideais de virilidade, em oposição, às mulheres, outros ideais são requeridos, como altruísmo, por exemplo (BOURDIEU, 2012; NEVES; MEDEIROS, 2013; VERSCHUUR; CATARINO, 2013).

A partir da análise dos estudos de Lofsted (2003), Irvine e Vermilya (2010), Freitas et al. (2014), Henry e Jackson (2015), Begeny e Ryan (2018) e Barros (2021), é possível perceber um tipo de divisão sexual de trabalho no campo de atuação da Medicina Veterinária, que se apresenta por meio da dicotomia: animais de companhia *versus* animais de produção (ou ainda pequenos animais *versus* grandes animais). Como explicado por Barros (2021), há inúmeras possíveis áreas de atuação profissional, que contemplam produção animal, tecnologia e inspeção de produtos de origem animal, clínica e cirurgia veterinárias, medicina veterinária preventiva e saúde pública, bem como extensão em Medicina Veterinária. Entretanto, essa amplitude costuma ser ignorada em prol da dicotomia apresentada. Os animais de companhia são os pequenos, principalmente cães e gatos, associados ao profissional da clínica, e os animais de produção são os grandes, como bovinos, equinos, bubalinos, suínos, entre outros, vinculados ao profissional do campo.

Associados, os estudos de Lofsted (2003), Irvine e Vermilya (2010), Freitas et al. (2014), Henry e Jackson (2015), Begeny e Ryan (2018) e Barros (2021) evidenciam uma tendência de reconhecimento do trabalho com os grandes animais (de produção, que geram renda aos proprietários) como um campo masculino, e com os pequenos animais (de companhia, que não geram renda aos tutores) como um campo feminino.

Os “pequenos animais” compõem o núcleo de dentro, constituindo-se frágeis, e que não produzem lucro aos proprietários, criados para companhia, assim necessitando de cuidados especiais; são majoritariamente urbanos e a/o proprietária/o necessita buscar o profissional. Já “os grandes animais” são de fora, fortes, criados para exploração econômica, rústicos, rurais, produzem lucro aos proprietários e o profissional vai até a/o proprietária/o. Sendo assim, “pequenos animais” estariam associados ao universo feminino, enquanto grandes animais ao masculino. Na própria denominação pequenos-grandes e

companhia-produção, podemos observar que essa distinção pressupõe assimetria de um grupo em relação ao outro. (BARROS, 2021, p. 20)

Além disso, a divisão sexual do trabalho na Medicina Veterinária encontra suporte nos aspectos gerais de socialização de homens e mulheres em nossas sociedades: os homens são educados para serem corajosos, firmes, viris e provedores; as mulheres para serem atenciosas, delicadas, gentis e cuidadoras. Essas características comportamentais participam da desigualdade de gênero no campo de atuação em questão (LOFSTED, 2003; IRVINE; VERMILYA, 2010; FREITAS et al., 2014; HENRY E JACKSON, 2015; BEGENY; RYAN, 2018).

Para além dos aspectos citados, a pesquisa de Barros (2021) acrescenta que a divisão sexual do trabalho na Medicina Veterinária possui relação com a história do processo de domesticação dos animais no período pré-histórico, em que os animais de companhia eram considerados responsabilidade das mulheres. Ademais, focalizando na situação do Brasil, Barros (2021) explica que as duas ondas iniciais de consolidação dos cursos superiores de Medicina Veterinária no país estavam associadas a outras áreas de trabalho consideradas masculinas: primeiramente, com as forças armadas (exército), que requeriam profissionais para cuidar da saúde dos cavalos; posteriormente, com a produção agropecuária, que necessitava de profissionais para realizarem o manejo produtivo e sanitário dos animais de produção, geralmente de grande porte. Para Barros (2021, p. 5), “a formação acadêmica em Medicina Veterinária é um campo social com gênese fortemente associada à divisão sexual do trabalho, com predomínio inicial de indivíduos do sexo masculino e recente processo de feminização”.

Quando os estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, foram questionados, 52,9% (mais da metade) concordaram que, em sua formação universitária, parece existir um incentivo para os homens se tornarem médicos veterinários de animais de produção e as mulheres de animais de companhia (Figura 1), ou seja, há uma reprodução da divisão sexual do trabalho mencionada na literatura científica.

Figura 1 – Percepção dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, sobre a reprodução da divisão sexual do trabalho em sua formação universitária.



Fonte: elaboração própria.

Em somatório, os dados coletados evidenciaram diversos aspectos da divisão sexual do trabalho no campo profissional da Medicina Veterinária, a começar pelas motivações (sistemizadas na Tabela 1) que levaram homens e mulheres a procurarem por essa formação. Percebe-se que a justificativa mais citada pelos estudantes do sexo masculino (41,2%) foi a construção de um imaginário positivo acerca da área, já entre as estudantes do sexo feminino, a motivação mais destacada (76,5%) foi o amor pelos animais. É interessante destacar que esse questionamento também foi colocado para os docentes - 75,0% das professoras assinalaram o fator amor pelos animais, contraposição, nenhum dos professores assinalou essa alternativa.

Nesse sentido, até as motivações de escolha do curso reverberam aspectos dos processos de socialização distintos experienciados por homens e mulheres, nos quais as últimas são educadas para serem cuidadoras, inclusive dos animais. Para Bengoa (2018), o cuidado é algo inerente à vida, porém não é algo natural. Ele é um afeto a mais que as mulheres dedicam aos homens, às crianças e aos idosos, ainda, representa um enorme gasto de energia feminina, sendo uma espécie de mais-valia emocional. Essa constatação converge com as descobertas do estudo de Osório (2018), que percebeu que o amor pelos animais, atrelado à ideia de cuidado, é considerado atribuição feminina, conseqüentemente, tende a ser desvalorizado e até ridicularizado.

Tabela 1 – Motivos de escolha do curso de graduação em Medicina Veterinária por parte dos estudantes da Unifesspa.

Motivação	Homens		Mulheres	
	n	%	n	%
O fato de eu amar os animais	4	23,5	26	76,5
O fato de eu ter construído um imaginário positivo acerca da profissão	7	41,2	16	47,1
O fato de minha família ter um negócio que eu posso assumir	3	17,6	6	17,6
A perspectiva de receber um bom salário	5	29,4	11	32,3
A facilidade de encontrar emprego	3	17,6	4	11,8
A proximidade da universidade que oferta o curso da minha casa	6	35,3	10	29,4
O fato de o curso ser gratuito	5	29,4	9	26,5
O fato de eu não ter conseguido ingressar no curso que eu realmente queria	1	5,9	3	8,8
O fato de eu não conseguir pagar o curso que eu realmente queria	0	0	1	2,9
Não houve nenhuma motivação especial	1	5,9	0	0
Outra	3*	17,6	3**	8,8
TOTAL	17	100	34	100

*desejo pessoal e vínculo com agronegócio **sonho

Fonte: elaboração própria.

Os estudantes também foram questionados sobre as áreas da Medicina Veterinária com as quais apresentavam intenção de trabalhar quando ingressaram no curso e se essa intenção sofreu mudanças no decorrer da graduação. Das 34 graduandas participantes da pesquisa, 23,5% citaram que ingressaram no curso desejando trabalhar especificamente na área de animais de companhia (grupo 1), enquanto 44,1% ingressaram almejando a área de animais de produção (grupo 2).

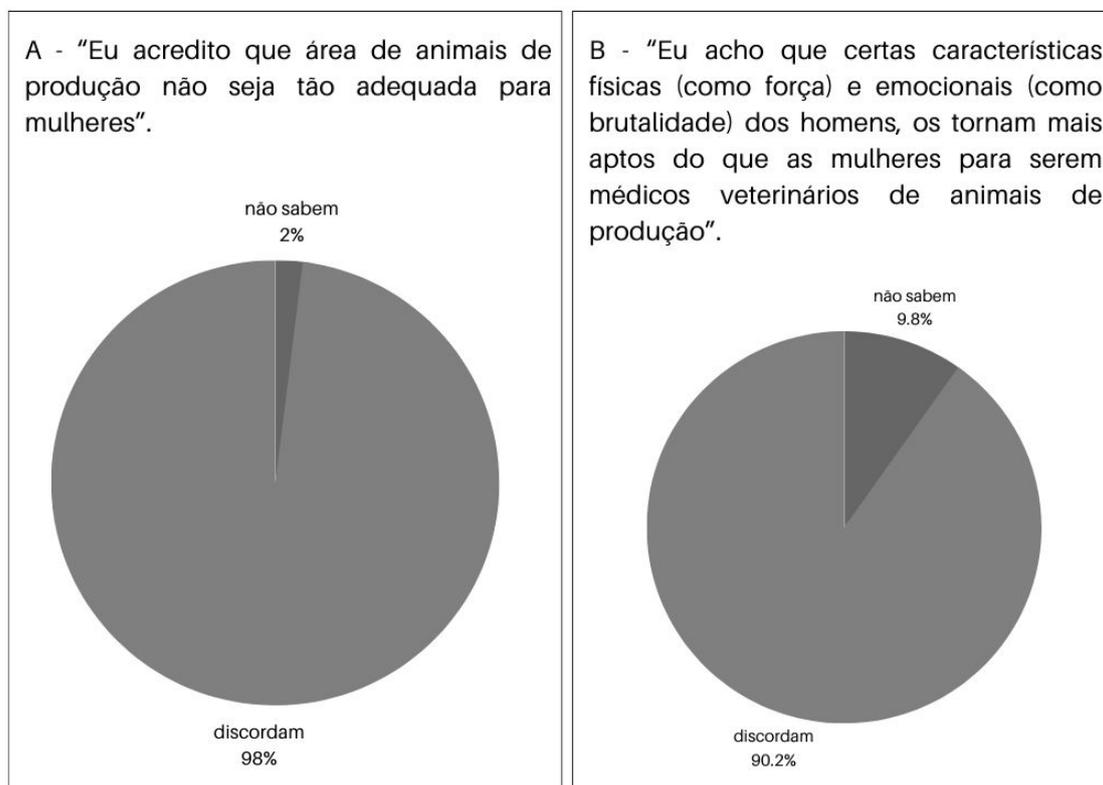
Entre as participantes do primeiro grupo, não houve mudança de intenção no decorrer do curso, contudo, no segundo, 20,0% apontaram que passaram a ter a área de animais de companhia como foco de interesse. Ainda no segundo grupo, também foram encontradas graduandas que passaram a ter dúvidas a respeito de investir na atuação com animais de produção, como explicou

uma das respondentes da pesquisa: “fiquei em dúvida em qual área seguir devido aos inúmeros relatos de que a mulher, na área de grandes animais, não é respeitada [...] e de que a maioria das propriedades rurais opta por médicos veterinários homens” (graduanda, 20 anos). O relato da estudante evidencia que a inserção profissional não se resume a uma decisão individual, ao contrário, sofre influência do entorno social, como elucidado pelo estudo de Lepe-López et al. (2018) sobre o aumento de médicas veterinárias na Guatemala.

É interessante constatar que os depoimentos dos docentes pesquisados foram convergentes com a preocupação levantada pela graduanda citada: “os produtores e trabalhadores rurais julgam a reprodução animal como atividade de ‘força’ ou ‘pesada’ e, inicialmente, questionam, de forma velada, a capacidade feminina em executar a atividade” (professor de Reprodução Animal, 35 anos); “essas áreas [animais de produção] sempre foram dominadas por homens e existe o estigma social de que mulheres não são tão capazes em executar essas tarefas que, teoricamente, exigem a chamada ‘força bruta’” (professora de Clínica de Pequenos Animais, 38 anos).

Como já mencionado, os estudos de Lofsted (2003), Irvine e Vermilya (2010), entre outros, evidenciaram a existência de uma percepção de incapacidade feminina no trabalho com os animais de produção em virtude da falta de brutalidade e de força. Entretanto, quando questionados, 98,0% dos graduandos de Medicina Veterinária da Unifesspa discordaram da afirmação de que a área de animais de produção não é tão adequada para as mulheres (Figura 2A); e 90,2% também discordaram da afirmação de que a brutalidade e a força tornam os homens mais aptos ao trabalho com os animais de produção do que as mulheres (Figura 2B). Destaca-se que não houve respondentes da pesquisa que concordaram com essas duas afirmações.

Figura 2AB – Percepção dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, sobre a adequação de homens e de mulheres ao trabalho com animais de produção.

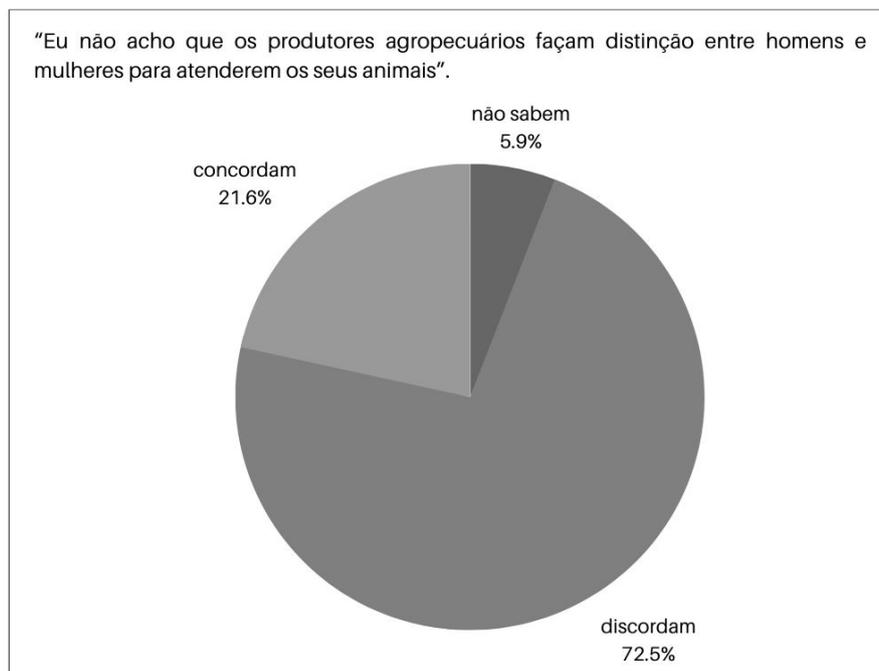


Fonte: elaboração própria.

A concepção de fragilidade feminina assombra a realidade da comunidade acadêmica da Unifesspa, em Xinguara - PA, principalmente por meio das ações e representações sociais oriundas dos produtores agropecuários da região, para os quais, o manejo produtivo e sanitário da bovinocultura de corte é mais adequado quando conduzido por homens. Algumas graduandas, inclusive, narraram episódios em que os produtores agropecuários expressaram, explícita e/ou implicitamente, a preferência por médicos veterinários homens para o trabalho com os bovinos de corte: “durante uma visita técnica, um senhor me falou que trabalhar com bovinos de corte era pesado para ‘meninas’” (graduanda, 22 anos); “já fui em propriedades fazer inseminação e o proprietário veio logo me entregando as fichas, por achar que mulher tem que trabalhar com papel e não na parte prática” (graduanda, 26 anos).

O estudo de Lopes e Drebes (2021), sobre o trabalho das mulheres nos estabelecimentos agropecuários de Xinguara - PA, apresentou elementos essenciais para compreender a racionalidade dos produtores locais. No município, reina um imaginário masculino acerca das atividades pecuárias, principalmente no que tange à bovinocultura de corte – área na qual as duas principais figuras trabalhadoras são hegemonicamente masculinas: o pecuarista e o peão. Além disso, o estudo evidenciou que, nesses estabelecimentos agropecuários, as mulheres rurais apresentam nichos de trabalho muito específicos, geralmente afastados do manejo dos animais. Nas propriedades de pequeno porte, familiares, as mulheres desenvolvem atividades do âmbito reprodutivo (casa e quintal), porém, se necessário, podem se envolver no manejo do gado. Já nas propriedades de grande porte, patronais, as mulheres desenvolvem atividades de cunho administrativo. Esse cenário auxilia a compreender o porquê de os produtores agropecuários reproduzirem sobre as médicas veterinárias a ideia de que o manejo do gado não é trabalho feminino.

Figura 3 - Percepção dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, sobre as preferências dos produtores agropecuários da região em relação ao sexo biológico do profissional de campo.



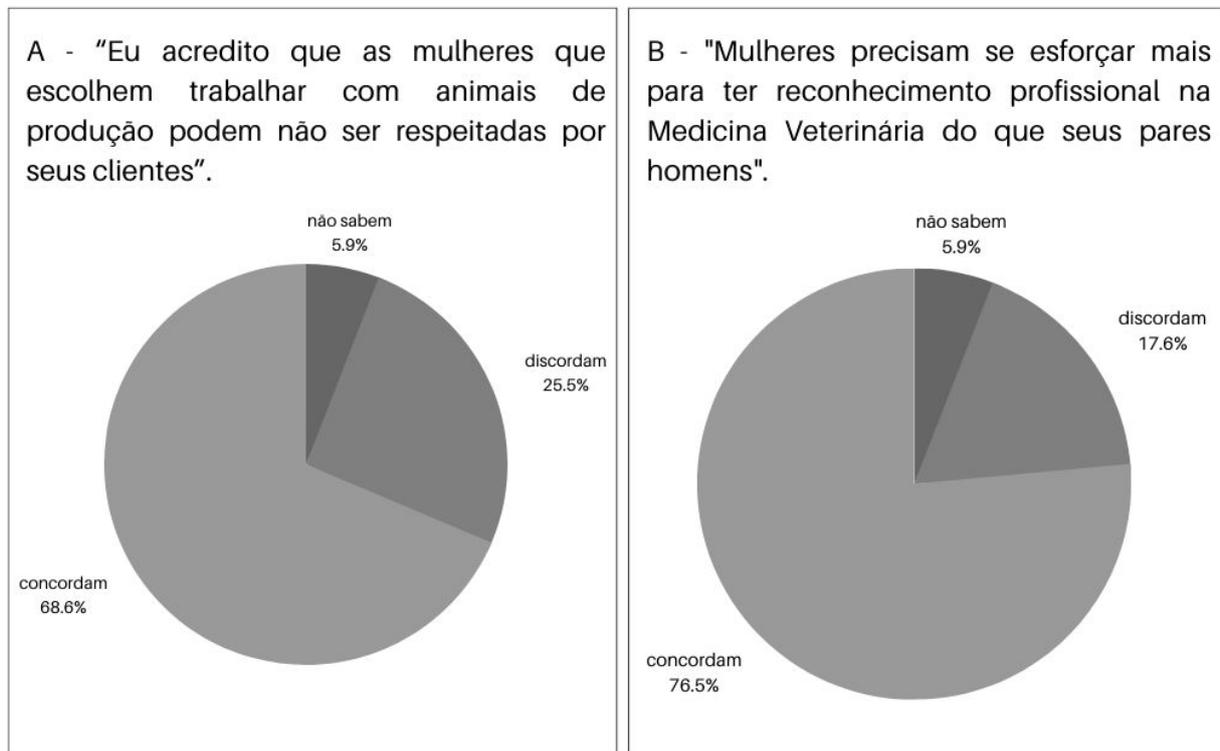
Fonte: elaboração própria.

Os estudantes foram questionados sobre suas percepções diante das preferências dos produtores agropecuários em relação ao profissional que atenderá seus animais. As respostas, sintetizadas na Figura 3, evidenciam que a maioria dos graduandos de Medicina Veterinária (72,5%) acredita que os produtores agropecuários realmente fazem distinção em relação ao sexo biológico do profissional.

Ainda, o estudo de Freitas et al. (2014), realizado em Goiás, indicou que 78% dos produtores agropecuários participantes da pesquisa afirmaram preferir homens para a prestação de assistência técnica aos animais de produção de suas propriedades, corroborando à realidade social encontrada no âmbito da bovinocultura de corte em Xinguará - PA.

Em virtude do cenário em pauta, como apontado por Irvine e Vermilya (2010), para as mulheres que optam por romper com a divisão sexual do trabalho, adentrando em um espaço e em uma responsabilidade laboral taxada como masculina, vários desafios são colocados, entre eles: provarem que são tão competentes quanto os pares masculinos e desvincularem-se dos atributos femininos não valorizados no trabalho com animais de produção. Nesse sentido, 68,6% dos graduandos de Medicina Veterinária da Unifesspa acreditam que as mulheres que escolhem trabalhar com animais de produção podem não ser respeitadas pelos produtores agropecuários (Figura 4A); e 76,5% concordaram que as mulheres precisam se esforçar mais para ter reconhecimento profissional na Medicina Veterinária, em relação aos seus colegas homens (Figura 4B).

Figura 4AB - Percepção dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, sobre os desafios enfrentados pelas médicas veterinárias na profissão.



Fonte: elaboração própria.

Para além do sexismo propagado por parte dos produtores agropecuários da região, os estudantes relataram que existe uma tendência de estímulo à reprodução da divisão sexual do trabalho por parte de alguns integrantes do corpo docente do curso de Medicina Veterinária:

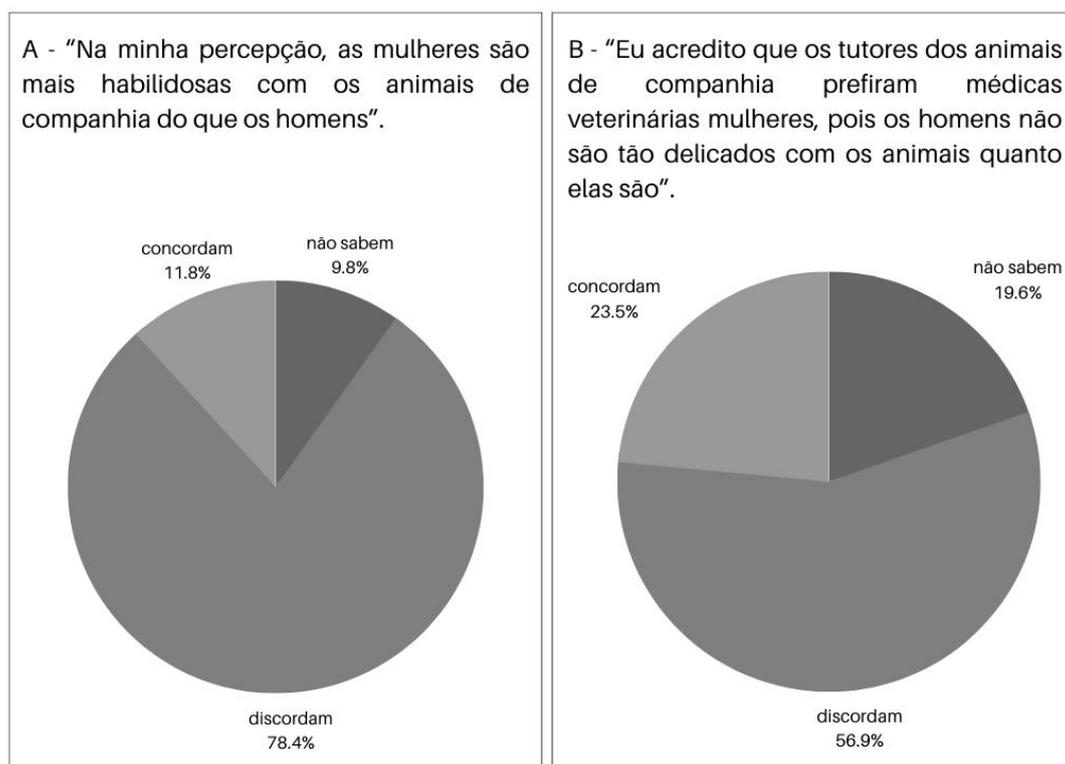
“uma vez um professor me levou a uma atividade de campo e fez pressão psicológica para que eu e outras colegas derrubássemos uns bezerras para serem vacinados, insinuando que nós éramos fracas e que não daríamos conta [...], insinuando que éramos moles e que aquele não era nosso lugar” (graduanda, 21 anos).

Na visão de Lepe-López et al. (2018), ao restringir as mulheres ao ensino e à prática relativa aos pequenos animais, a universidade limita o crescimento pessoal e as oportunidades profissionais das futuras médicas veterinárias. Além disso, para Espinoza e Albornoz (2023), práticas pedagógicas sexistas contribuem à perpetuação de desigualdades e estereótipos de gênero, prejudiciais à aprendizagem e ao sucesso acadêmico. Ainda segundo as autoras, professores do sexo masculino tendem a apresentar mais práticas sexistas.

Dicotomicamente, de um lado, se por serem consideradas “fracas” e “moles”, as mulheres não estão aptas a trabalhar com os animais de produção, do outro, os mesmos atributos são vistos positivamente para o trabalho com os animais de companhia: afeto, atenção, cuidado, delicadeza, sensibilidade e zelo. Segundo Irvine e Vermilya (2010), a valorização dos atributos considerados femininos é uma das condicionantes explicativas do aumento de médicas veterinárias em geral, bem como do número de profissionais mulheres que trabalham com clínica de pequenos animais.

Nesse sentido, os estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa foram questionados sobre as habilidades das mulheres no trabalho com os animais de companhia: 78,4% dos graduandos discordaram da assertiva de que as mulheres são mais habilidosas nessa função (Figura 5A). Ademais, os estudantes foram questionados se existe a preferência dos tutores por médicas veterinárias para o atendimento de seus animais de companhia, entre os quais, 56,9% responderam discordar da existência de predileção (Figura 5B).

Figura 5AB - Percepção dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, sobre as habilidades de homens e mulheres para o trabalho com animais de companhia e sobre a preferência dos tutores em relação ao sexo biológico do profissional.

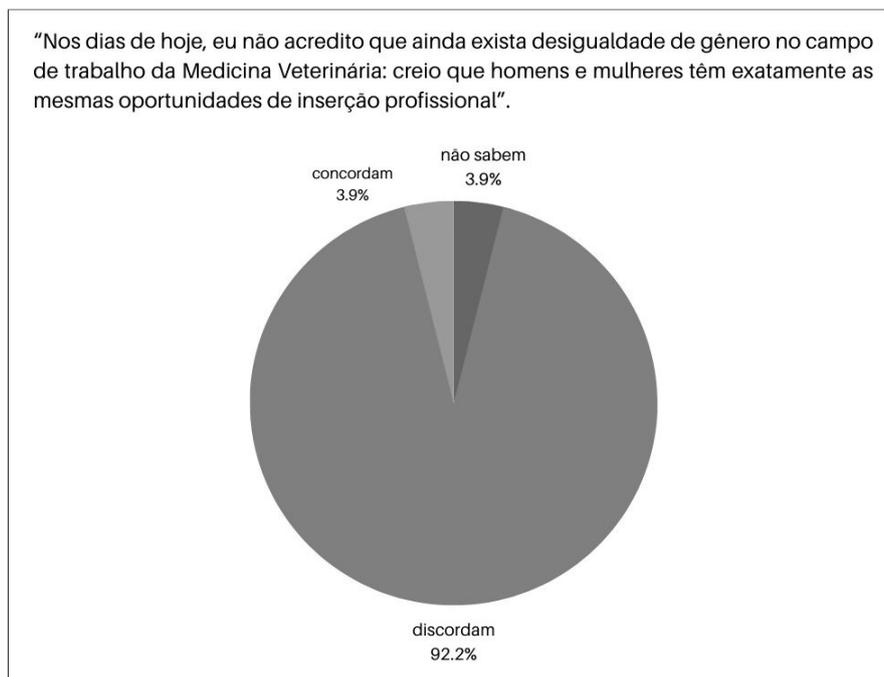


Fonte: elaboração própria.

Por fim, os graduandos também emitiram opinião frente à assertiva: no período contemporâneo, não existe desigualdade de gênero no exercício da profissão de médico(a) veterinário(a), tendo homens e mulheres condições de desfrutar das mesmas oportunidades de inserção laboral. Dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, 92,2% discordaram de tal afirmação, corroborando à percepção da existência de uma divisão sexual do trabalho que impõe discriminação às profissionais mulheres, como evidencia a Figura 6.

Não à toa, entre as graduandas pesquisadas, 47,1% identificaram-se como vítimas de assédio e de sexismo em diversas situações vivenciadas na graduação, tanto em atividades realizadas na universidade quanto fora dela. Na maioria das situações, os assédios e/ou o sexismo foram cometidos por professores ou por produtores agropecuários do sexo masculino.

Figura 6 – Percepção dos estudantes de Medicina Veterinária da Unifesspa, de ambos os sexos, sobre a existência de desigualdade de gênero no campo de trabalho da Medicina Veterinária.



Fonte: elaboração própria.

Os dados aqui reunidos indicam que a presença, em maior número, de mulheres no curso de graduação em Medicina Veterinária na Unifesspa de Xinguara - PA não significa a superação das condições de desigualdade de gênero, dada a perspectiva de concentração das futuras profissionais na clínica de pequenos animais (cerca de 43,5% das graduandas)⁴. Como argumentado por Barros (2021, p. 6): “tal crescimento quantitativo não necessariamente informa igualdade entre homens e mulheres e sim que, na medida em que os espaços vão sendo paulatinamente ocupados por mulheres, informam desigualdades de gênero”.

Embora dados do Conselho Federal de Medicina Veterinária apontem a existência de profissionais mulheres em mais de 80 áreas de atuação, incluindo a assistência técnica aos animais de

⁴Somatório do número de estudantes do sexo feminino que apontaram os animais de companhia como área preferencial (23,5%) com o número de estudantes do sexo feminino que afirmaram ter desistido da área de animais de produção em prol dos animais de companhia (20,0%).

produção (CFMV, 2020), os dados coletados com os futuros profissionais de Medicina Veterinária da Unifesspa mostram que tais inserções não acontecem sem tensionamentos e que esses são responsáveis, até mesmo, por dissuadir a inserção profissional das mulheres nas áreas associadas aos animais de produção. Na visão de Barros (2021), o discurso do aumento do número de estudantes mulheres e da existência de profissionais mulheres em áreas rotuladas como masculinas é empregado para evocar uma igualdade de gênero que não existe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados coletados com a comunidade acadêmica do curso de Medicina Veterinária da Unifesspa, *campus* de Xinguara - PA, evidenciam que as perspectivas de inserção profissional das graduandas são perpassadas por desigualdades de gênero desde o momento da escolha do curso. Assim, a partir do ideário sexista relacionado à profissão, o número de mulheres que optam pela Medicina Veterinária em virtude do amor pelos animais é muito maior que o número de homens.

Os dados também evidenciam que a própria comunidade acadêmica percebe a persistência de uma divisão sexual do trabalho no campo de atuação da Medicina Veterinária, que tende a conduzir os homens a se transformarem em profissionais de campo para o trabalho com animais de produção (de grande porte) e as mulheres a se transformarem em profissionais de clínica para o trabalho com animais de companhia (de pequeno porte).

A divisão sexual do trabalho, reforçada por atitudes sexistas de alguns professores do curso e de produtores agropecuários da região, interfere diretamente nas perspectivas de inserção profissional das graduandas, inclusive, muitas desistem do projeto de se tornarem médicas veterinárias de animais de produção. Dessa maneira, o deslocamento de intenção em relação à área de atuação por parte das graduandas não necessariamente consiste em uma escolha pessoal e empoderada por outra área, mas, sim, na expulsão das mulheres da área de animais de produção.

No município de Xinguara - PA, onde encontra-se o curso de Medicina Veterinária da Unifesspa, a tendência de inserção profissional das graduandas na clínica de pequenos animais é uma projeção de cenário preocupante: se as mulheres serão a maioria das médicas veterinárias formadas (quase 67%, conforme dados coletados nesta pesquisa), mas as propriedades de bovinocultura de corte (principal atividade agropecuária do município e região) apresentarão preferência por profissionais do sexo masculino, haverá um desequilíbrio na relação oferta/demanda de profissionais qualificados para a prestação de assistência técnica e extensão rural. É importante pontuar que esse desequilíbrio é derivado de um quadro de discriminação de gênero. Como consequência, essa situação é capaz de prejudicar o desenvolvimento das atividades agropecuárias de Xinguara e região a longo prazo.

Ademais, a pesquisa é importante para provocar a reflexão sobre o futuro profissional das graduandas em Medicina Veterinária da Unifesspa, que, após se formarem, procurarão inserção profissional em Xinguara e região. Desse modo, considerando que parcela significativa das estudantes já foi alvo de discriminação sexista em seu percurso formativo, as próprias mulheres podem passar a reproduzir a ideia de que não são aptas a trabalhar com os animais de produção, restringindo-se ao trabalho com animais de companhia. Diante disso, questiona-se: o município e a região comportarão tantas clínicas de pequenos animais?

Por fim, cabe ressaltar que os resultados da presente pesquisa reforçam os resultados encontrados por outros pesquisadores, tanto no contexto internacional quanto nacional: o aumento

do número de mulheres médicas veterinárias não é sinônimo de ausência de desigualdades de gênero na profissão.

REFERÊNCIAS

BARROS, R. A. **Tornar-se médica(o) veterinária(o):** o papel do currículo oculto e das trajetórias sociais na formação acadêmica. 145f. Tese (Doutorado em Medicina Veterinária) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil, 2021. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/28751>. Acesso em: 8 fev. 2023.

BEGENY, C. T.; RYAN, M. **Gender discrimination in the veterinary profession:** a brief report of the BVA Employers' Study 2018, 2018. Disponível em: https://ore.exeter.ac.uk/repository/bitstream/handle/10871/36424/BVA%20Employers%20Study_Brief%20Report_Final%20Draft.pdf?sequence=1. Acesso em: 8 nov. 2022.

BENGOA, C. C. A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. **Temáticas**, v. 26, n. 52, p. 31-68, ago./dez. 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11703>. Acesso em: 26 maio 2023.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 11 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). **Censo**. 2020. Disponível em: <https://www.cfmv.gov.br/censo/transparencia/2017-2020/2020/12/11/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DE SÃO PAULO (CRMV/SP). **História da Medicina Veterinária**, 2022. Disponível em: <https://crmvsp.gov.br/historia-da-medicina-veterinaria/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

ESPINOZA, A. M.; ALBORNOZ, N. Sexismo en Educación Superior: ¿Cómo se Reproduce la Inequidad de Género en el contexto Universitario? **Psyche**, v.32, n.1, p. 1-37, 2023. Disponível em: <http://ojs.uc.cl/index.php/psyche/article/view/35613>. Acesso em: 12 fev. 2023.

HENRY, C.; JACKSON, E. Women's entrepreneurship and the future of the veterinary profession. **e-Organisations & People**, v. 22, n. 3, p. 34-42, 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/284020005_Women's_entrepreneurship_and_the_future_of_the_veterinary_profession. Acesso em: 8 nov. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário:** tabela 6754 - número de estabelecimentos agropecuários e área dos estabelecimentos agropecuários, por tipologia, condição legal das terras, grupos de atividade econômica e grupos de área total. IBGE: 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6754>. Acesso em: 26 maio 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades:** Xinguara/PA, 2018. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/xinguara/pesquisa/18/16459>. Acesso em: 8 nov. 2022.

FREITAS, S. L. R. et al. Diferenças entre os gêneros na assistência técnica e extensão rural realizada por médicos veterinários: paradigma ou preconceito. **Ceres**, v. 61, n. 1, p. 1-8, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rceres/a/BvCXZHk8Yjhb4xySyXfDFmn/?lang=pt#:~:text=Concluiu%2Dse%20que%20as%20diferen%C3%A7as,e%20o%20senso%20de%20organiza%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 16 dez. 2021.

IRVINE, L.; VERMILYA, J. R. Gender work in a feminized profession: the case of Veterinary Medicine. **Gender & Society**, v. 24, n. 1, p. 56-82, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/089124320935597>. Acesso em: 17 dez. 2021.

LEPE-LÓPEZ, M. et al. Incremento del número de estudiantes del género femenino

egresados de la carrera de medicina veterinaria en Guatemala. **Ciencias Sociales y Humanidades**, v. 5, n. 2, s.p., 2018. Disponível em: <https://revistas.usac.edu.gt/index.php/csh/article/view/686>. Acesso em: 12 fev. 2023.

LOFSTEDT, J. Gender and veterinary medicine. **The Canadian Veterinary Journal**, v. 44, n. 7, p. 533-535, 2003. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC340187/>. Acesso em: 8 nov. 2022.

LOPES, L. M.; DREBES, L. M. Trabalho feminino na bovinocultura de corte no Sudeste do Pará. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 11., 2021, Marabá. **Anais...** Marabá: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação Interdisciplinares em Sociais e Humanidades, 2021.

MORAES, E. M. V.; DREBES, L. M. Educação em solos e pecuarização na Amazônia Oriental: sobre o desafio da sustentabilidade em Xinguara/PA. In: CONGRESSO DA SOBER, 58., 2020, Foz do Iguaçu. **Anais...** Foz do Iguaçu: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural, 2020.

NEVES, D. P.; MEDEIROS, L. S. (Orgs.). **Mulheres camponesas: trabalho produtivo e engajamentos políticos**. Niterói: Alternativa, 2013.

OSÓRIO, A. Ecofeminismo, teorias do care e as críticas a protetoras de animais de rua. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 3, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/g37rWjtX3hrs7H3Q5hLNHGM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 8 nov. 2022.

SCOTT, J. Gender: a useful category of historical analyses. **The American Historical Review**, v. 91, n. 05, p. 1053-1075, 1986.

VEIGA, J. B.; TOURRAND, J. F.; QUANZ, D. **A pecuária na fronteira agrícola da Amazônia: o caso do município de Uruará, PA, na região Transamazônica**. Belém: EMBRAPA, 1996. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/60974/1/CPATU-Doc87.pdf>. Acesso em: 26 maio 2023.

VERSCHUUR, C.; CATARINO, C. **Genre, migrations et globalistaion de la reproduction sociale**. L'Harmattan: Genève, 2013.